

Indícios de resiliência na prática de professoras

Resilience indicators in teacher practice

Pruebas de la resistencia en la práctica docente

Enivalda Vieira dos Santos Rezende¹

Laeda Bezerra Machado²

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v22i46.1020>

Resumo: Neste artigo, discutimos as características de resiliência manifestadas por professoras no exercício da docência. A noção de resiliência consiste na capacidade de resistir aos obstáculos e reagir diante de uma situação de risco. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa desenvolvida com 15 professoras de escolas municipais de Recife, PE. Utilizamos como procedimento a entrevista, cujos depoimentos foram organizados por meio da técnica de análise de conteúdo. As principais características de resiliência reveladas pelo grupo entrevistado foram: persistência; superação; fé em Deus, na capacidade dos alunos e nas possibilidades de mudança; bom humor e alegria; boa convivência no ambiente de trabalho; amor pelo trabalho e crianças; criatividade e esperança. As professoras demonstram superar limites, enfrentar desafios, romper preconceitos e sobressair-se aos infortúnios da profissão. Frente ao exposto, é possível afirmar que esses indícios de resiliência interferem de maneira positiva no contexto escolar.

Palavras-chave: professoras; resiliência; prática pedagógica.

Abstract: In this article we discuss the resilience characteristics manifested by teachers in the teaching profession. The notion of resilience is the ability to withstand obstacles and react to a situation of risk. This is a qualitative research developed with 15 teachers from municipal schools in Recife-PE. We used the interview procedure as a procedure, whose statements were organized through the technique of content analysis. The main characteristics of resilience revealed by the group interviewed were: persistence; Overcoming; Faith in God, in the capacity of the students and in the possibilities of change; Good humor and joy; Good coexistence in the work environment; Love for work and children; Creativity and hope. Teachers demonstrate to overcome limits, to face challenges, to break prejudices and to excel to the misfortunes of the profession. In view of the above, it is possible to affirm that these signs of resilience interfere in a positive way in the school context.

Key words: teachers; resilience; pedagogical practice.

Resumen: En este artículo se discuten las características de resiliencia expresadas por los maestros en la profesión docente. El concepto de resiliencia es la capacidad de soportar los obstáculos y reaccionar a una situación peligrosa. Se trata de un estudio cualitativo desarrollado con 15 profesores de escuelas públicas de Recife-PE. Utilizamos el procedimiento de la entrevista, cuyos testimonios fueron organizados por la técnica de análisis de contenido. Las principales características de resiliencia

¹ Secretaria Municipal de Educação do Recife, Pernambuco, Brasil.

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil.

cia reveladas por el grupo de entrevistados fueron: persistencia; superar; la fe en Dios, la capacidad de los estudiantes y las posibilidades de cambio; el buen humor y la alegría; buenas relaciones en el lugar de trabajo; el amor por el trabajo y los niños; la creatividad y la esperanza. Los maestros demuestran los límites de superación, frente a los retos, para romper los prejuicios y hacer frente a los infortunios de la profesión. Sobre la base de estos, podemos decir que estos signos de resiliencia interfieren positivamente en el contexto escolar.

Palabras clave: maestros; la resiliencia; la práctica docente.

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto das escolas, constatamos, junto a uma significativa quantidade de educadores, com os quais convivemos, sentimentos de tristeza e revolta com a docência. São recorrentes reclamações a respeito da falta de valorização do magistério pelo poder público e desesperança com a educação. Queixam-se dos fatores de risco, dos baixos salários, do descaso das famílias para com a aprendizagem dos filhos, da violência no interior e entorno das escolas, do desrespeito dos alunos e das péssimas condições de trabalho, face à infraestrutura das escolas. Diante de tais circunstâncias, chegamos a pensar que permanecer na sala de aula constitui um sacrifício, que, aos poucos, vem destruindo o professor. No entanto, a despeito desses fatores de risco causadores de desgaste e desapontamento em muitos professores, percebemos que alguns não se abatem, nem se desestruturam em decorrência das adversidades que envolvem a profissão docente. Existem aqueles que enfrentam as situações adversas, resistem às imagens negativas do ser professor.

Esses profissionais demonstram assimilar as mudanças, buscam alternativas para lidar com os alunos e, assim, resistem aos infortúnios da profissão. Tais atitudes reveladas por esses professores sinalizam processos de resiliência.

O confronto da realidade vivida com a realidade idealizada não condiz com as expectativas do professor, o que provoca frustrações e leva à rejeição da profissão. Nessa linha de argumentação, Tavares (2001), tomando por base o conceito de resiliência, afirma que, através da educação, é possível tornar as pessoas mais resilientes e prepará-las a enfrentar situações adversas.

A esse respeito, Melillo (2005) e Codo (2006) afirmam que a profissão docente, na atualidade, é vista como uma das profissões que mais promove o estresse. A falta de habilidade para lidar com as variáveis ligadas às demandas da profissão acarreta desgaste emocional e sintomatologia psicossomática diversificada, favorecendo o surgimento de doenças, que, muitas vezes, impossibilitam o professor de exercer a profissão.

Assim, admitindo que a condição de resiliente permite ao professor enfrentar, de modo mais tranquilo, condições adversas e criar mecanismos de proteção, neste artigo buscamos identificar indícios de resiliência na prática de professores de escola pública, expostos a condições e problemas os mais adversos.

A noção de resiliência consiste na capacidade de resistir aos obstáculos e reagir diante de uma situação de risco. No âmbito da docência, pode ser compreendida como a possibilidade de encarar com mais serenidade e leveza a precarização, que afeta o trabalho do professor, no contexto da escola.

Como uma atividade humana, a prática pedagógica integra o conjunto da organização social e não pode ser compreendida de forma desarticulada do contexto em que se insere, ela se faz e refaz no interior das relações sociais.

Neste texto, fruto de uma pesquisa mais abrangente desenvolvida Rezende (2016), em curso de doutorado em educação, apresentamos e discutimos características de resiliência manifestadas por professoras no exercício da docência.

2 RESILIÊNCIA: NOÇÕES BÁSICAS

Superar adversidades, romper preconceitos, transportar barreiras, vencer limites, enfrentar desafios e desenvolver potencialidade são expressões relativas à noção de resiliência.

De acordo com literatura referente ao assunto, o conceito de resiliência tem sua origem no campo de estudo da Física.

Resiliência é uma abordagem teórica de um conceito extraído da física e muito usado pela engenharia e que representa a capacidade de um sistema em superar o distúrbio imposto por um fenômeno externo e inalterado. É a propriedade de retornar à forma original após ter sido submetido a uma deformação. (ANTUNES, 2007, p. 13).

No âmbito da Física, segundo Carmello (2008, p. 48), resiliência é: “[...] a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida, quando cessa a tensão causadora da deformação elástica”. Na mesma ótica, Silva Jr. (1982) denomina, como resiliência de um material, a energia de deformação máxima que ele é capaz de armazenar, sem sofrer deformações permanentes.

Ojeda (2005) afirma que, no campo das ciências humanas, o conceito de resiliência teve o seu desenvolvimento inicial no hemisfério norte, a partir de 1980, com os pesquisadores Michael Rutter, na Inglaterra, e Emmy Werner, nos Estados Unidos. Em 1982, esse conceito se expandiu no continente europeu, tendo recebi-

do maior destaque, na França, Holanda, Alemanha e Espanha. Em 1997, surgiu na América Latina e, no Brasil, no final dos anos de 1990.

O conceito tem sido utilizado pelas diferentes áreas do conhecimento, com enfoques diversificados, como exemplifica Ojeda (2005). Na Psicologia, os estudos estão voltados para o desenvolvimento psicossocial; na Antropologia, abordam as tradições ancestrais das comunidades; na Sociologia, enfocam as funções sociais; na Saúde, detêm-se na gênese da promoção da saúde; na Economia, examinam as estratégias contra a pobreza; no Serviço Social, procuram identificar os fatores que podem fortalecer as populações mais carentes; e, na área de Direito, têm como base a legislação, que vela pelos direitos humanos.

De acordo com Melillo (2005), o termo resiliência refere-se, frequentemente, aos processos que explicam superação de crises e adversidades, vivenciadas por indivíduos, grupos e organizações. Grotberg (2005, p. 16) conceitua resiliência como:

[...] a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiência de adversidade. As condutas resilientes supõem a presença e a interação dinâmica de fatores [...] que vão mudando, nas diferentes etapas do desenvolvimento. As situações de adversidades não são estáticas, mudam e requerem mudanças na conduta.

Ressaltamos que, no ser humano, a resiliência não significa um retorno a um estado anterior, como acontece com os materiais, pois as pessoas não têm a propriedade de elasticidade, que existe nos materiais; portanto se refere à possibilidade de superação e/ou à capacidade de adaptação. Não obstante, Job (2003) considera que a rapidez e a coragem de uma pessoa resiliente, em face às adversidades, advêm de uma elasticidade emocional ou psicológica, que lhe permite permanecer, relativamente, firme. Tal pessoa consegue retornar ao seu estado original, após ser submetida ao estresse causado pelas adversidades.

De modo minucioso, porém na mesma direção dos outros autores, Tavares (2001, p. 200) conceitua resiliência como:

A capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante; e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates.

Resiliência é um termo polissêmico, que comporta interpretações diversas. Na literatura específica, os conceitos são apresentados como fenômeno, capacidade, processo ou condição do indivíduo, que supera adversidades.

Na atualidade, vivemos em uma sociedade competitiva, que se mostra cada vez mais violenta e marcada pelo individualismo, em decorrência das mudanças sociais, que transformam tempo e espaço, que são concretos e absolutos, em líquidos e relativos, segundo Bauman (2001). Viver em tal contexto é um fator de risco, principalmente, para juventude que se depara com situações de vulnerabilidade por causa de sua exposição às múltiplas adversidades. No entanto reafirmamos que tais situações oferecem ao indivíduo a possibilidade de desenvolver a capacidade de superar obstáculos, ou seja, adquirir novas competências de superação.

Sob essa mesma ótica, Yunes e Szymanski (2001) afirmam que, na sociedade atual, as mudanças ocorrem de forma rápida e profunda, exigindo das pessoas constantes esforços de adaptação.

Há vinte anos, o tema resiliência vem se constituindo como uma área de interesse da Psicologia e, no final da década de 1990, surgem publicações, voltadas para as populações em situações de risco (vítimas de violência, crianças e adolescentes em situação de rua, entre outros). A ênfase de tais estudos esteve centrada no desenvolvimento de crianças e de adolescentes, tendência que continua, embora com menor intensidade. Carvalho et al. (2007), afirmam que o conceito de resiliência, quando foi incorporado pela ciência psicológica, procurou explicar porque alguns indivíduos, mesmo em situações adversas, conseguem sobreviver e alcançar o bem-estar em suas vidas, enquanto outros não.

A respeito de estudos sobre resiliência no Brasil, Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011) afirmam que o termo resiliência era desconhecido da maior parte da população. Não fazia parte do vocabulário brasileiro, até ser utilizado, no final dos anos 1990, nos estudos de Psicologia; e, de forma simultânea, começou se espalhar entre o público leigo, por meio de matérias de autoajuda, que eram veiculadas na mídia.

O banco da CAPES registra os primeiros estudos sobre resiliência na área de Educação, em 2000. Pesquisas sobre resiliência, como tema central, ou associada a outros aspectos, tiveram desenvolvimento maior, nos últimos cinco anos. Uma breve análise da literatura educacional sobre resiliência revela a emergência do conceito, nesse campo de estudo, que está voltado para os problemas do cotidiano, especialmente, entre os grupos educativos de risco e/ou vulneráveis.

3 METODOLOGIA

Em razão da natureza do objeto de estudo, resiliência do professor na prática pedagógica, cujas especificidades oriundas da subjetividade e das singularidades se manifestam no comportamento do sujeito, adotamos a abordagem qualitativa.

Trata-se de uma pesquisa ampla desenvolvida em curso de doutorado, realizada em várias etapas e utilizando vários instrumentos. Nos limites deste artigo, nos deteremos a apresentar indícios de resiliência na prática docente, detectados com base em entrevista em profundidade realizada com professoras.

Foram entrevistadas 15³ professoras que trabalhavam em escolas localizadas em áreas conflagradas da cidade do Recife-PE, atuavam em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental e foram reconhecidas pela coordenação pedagógica como professoras resilientes. Após selecionar as escolas, pedíamos a coordenação que nos indicasse pelo menos uma profissional que se adequasse ao seguinte perfil: demonstrasse compromisso e interesse para com a aprendizagem dos alunos; revelasse senso de humor e flexibilidade para lidar com as situações; participasse espontaneamente das atividades programadas pela escola; mantivesse relacionamento amistoso com os atores da escola; mostrasse atitudes positivas frente a problemas e dificuldades; e tomasse iniciativa para resolver problemas aparentemente difíceis. Lembramos que, em muitas das escolas pelas quais passamos, a coordenação não identificou profissionais com o perfil apresentado.

A entrevista possibilitou uma ação interativa entre a pesquisadora e as quinze professoras indicadas como resilientes. As entrevistas ocorreram individualmente, durante o período regular das aulas, em sessão única, com duração média de 51 minutos, em espaços de cada unidade escolar, onde atuavam.

As participantes são todas mulheres e têm idade média de 46 anos. A experiência docente do grupo varia entre 11 e 35 anos, no entanto, há uma maior concentração de professoras com mais 20 anos no exercício da profissão. Possuem razoável formação acadêmica, pois uma é graduada, 13 são especialistas e a outra concluiu o curso de mestrado. Todas exercem dupla jornada de trabalho com uma carga horária de 270h/a mensais. Dez professoras exercem a função de coordenadora, no contraturno, em outras unidades escolares, e cinco atuam na docência, em dois turnos. O tempo médio de atuação das docentes, nas escolas pesquisadas,

³ Obedecendo ao critério de construção da amostra na pesquisa qualitativa, as 15 entrevistas indicaram certa saturação nos depoimentos das participantes.

é de 8 anos. Todas elas ingressaram na Rede Pública Municipal do Recife mediante aprovação em concurso público.

Escolhemos docentes de turmas dos anos iniciais, considerando que os professores são submetidos à fadiga em excesso, o que causa estresse. Por exemplo: as turmas são numerosas e, em geral, contam com a presença de alunos com distorção de idade-série e/ou têm dificuldades de aprendizagem. Lembramos que os alunos são submetidos à avaliação de órgãos externos, tais como: Sistema de Avaliação de Educação Básica (SAEB), Sistema de Avaliação de Educação de Pernambuco (SAEP), Provinha Brasil, do Ministério de Educação (MEC). Tais avaliações exigem um maior investimento de energia dos docentes, para que os alunos sejam avaliados satisfatoriamente.

Além disso, essa categoria docente recebe baixa remuneração e goza de menor prestígio social. Em geral, são arrimos de suas famílias, portanto são levadas a desempenhar uma dupla jornada de trabalho, o que exige maior esforço e provoca desgaste emocional.

Como procedimento, a análise do material coletado, utilizamos a técnica de análise de conteúdo. Após a preparação e organização do corpus, fomos identificando os eixos de sentido, que se constituíram como bases para a formação das categorias temáticas. Neste artigo destacamos as características que essas professoras apontaram como marcantes no exercício do seu fazer docente.

4 INDÍCIOS DE RESILIÊNCIA NA PRÁTICA DE PROFESSORAS

Conforme explicitado, adotamos o conceito de resiliência como um processo, no qual o indivíduo supera as adversidades dos contextos familiar e profissional em que vive e, também, se recupera, após cada transtorno, o que contribui para o desenvolvimento pessoal.

Considerando que resiliência é o foco central da investigação indagamos as docentes sobre as características pessoais que lhes permitem permanecer satisfeitas e resistentes, no exercício do magistério. As características reveladas pelo grupo foram: *persistência, luta e capacidade de superação; fé em Deus, na capacidade dos alunos e nas possibilidades de mudança; bom humor e alegria; boa convivência no ambiente de trabalho; amor pelo trabalho e pelas crianças; criatividade e esperança.*

A primeira característica diz respeito a *persistência, luta e capacidade de superação*. Elencamos inúmeros depoimentos referentes aos seguintes aspectos: tenacidade; capacidade de distinguir possibilidades e limites das ações de luta e de enfrentamento.

A persistência está associada à superação de obstáculos e tem como base uma força interior do indivíduo, que impulsiona suas ações e interfere no seu modo de viver. Kateb (2011) considera a perseverança como um pilar de resiliência, que proporciona às pessoas condições de superação de crises. Em complementação a esse conceito, Carmello (2008, p. 84) afirma: “na medida em que as características de resiliência são ativadas, [...] outros componentes de resiliência [...] poderão ser utilizados, influenciando positivamente os resultados”.

As professoras afirmam que, no cotidiano escolar, se deparam com adversidades as mais variadas, mas não se abatem, pois são perseverantes e tenazes. Declaram também que, diante de muitos percalços, ficam abaladas, sofrem, mas se recuperam. A pessoa resiliente, de acordo com Piovan (2012, p. 102), “[...] não coloca o foco no problema em si, mas sim na sua solução. Isso faz muita diferença”.

A atitude frente às adversidades interfere nos resultados da ação, pois, conforme as falas das entrevistadas, quando surge um problema, procuram examiná-lo, objetivamente, e em seguida, mobilizam suas energias para resolvê-lo. Vide depoimento:

No caso persistir, se eu não estou conseguindo eu vou tentar, eu peço ajuda, eu acho que, às vezes na profissão da gente uma questão muito séria é a gente achar que a gente tem que dar conta de tudo e que a gente tem que ficar solitário e, eu não fico solitária, pois peço ajuda à minha colega. (P11)⁴

Do depoimento de P-11, destacamos os seguintes fatores: mobilização de estratégias para superar dificuldades; percepção dos limites de sua ação; capacidade de persistência; e predisposição para estabelecer relações interpessoais. Esse depoimento está próximo de uma afirmação de Miravalles e Ortega (2015, p. 115): “a construção da resiliência é uma tarefa coletiva. A resiliência tem uma dimensão comunitária”.

As entrevistadas consideram a persistência como uma característica de resiliência, que é necessária à superação dos constantes obstáculos existentes na sala de aula. Em inúmeras falas, encontramos reafirmações de persistência, que se traduzem em luta, coragem, força de vontade e superação de dificuldades. Vide depoimentos:

Persistência... Ser persistente... Lutar pra conseguir. Encontramos muitas dificuldades em tudo, então a gente tem que ir em cima dessas dificuldades procurar

⁴ Para codificação das participantes utilizamos um P (significando professora), seguido do número de ordem de realização da entrevista.

soluções. Persistir. A gente passa por muitas dificuldades, na vida pessoal e na vida profissional, mas não pode se deixar abater. Tem que saber você está passando por aquilo, mas aquilo ali tem algo que te joga pra frente. Persistência e capacidade de superação de dificuldades são as principais características minhas. Eu sou guerreira. (P1)

É... Não esmorecer diante de algum obstáculo, sempre tentando melhorar. A minha força de vontade, minha persistência. (P6)

As professoras participantes afirmam que procuraram caminhos diferentes para vencer as adversidades e, assim, encontrar mecanismos de superação. Lutam por seus objetivos e têm clareza dos seus limites físicos e estruturais.

Como outra característica de resiliência, as docentes se referem a *fé em Deus, na capacidade dos alunos e nas possibilidades de mudança*. Associamos seus argumentos relacionados às manifestações de religiosidade; fatores de proteção; fortalecimento diante dos problemas da vida cotidiana; e possibilidades de mudanças.

Para os estudiosos do fenômeno religioso, como O’dea (1979), ter fé em Deus é acreditar na sua existência e na sua onisciência. A fé é, também, sinônimo de religião e/ou culto. Segundo Tillich (1996), fé é um ato íntimo do ser humano, cuja força integraliza elementos intelectuais e emocionais, que lhes constituem como pessoa. Contudo, quando está distorcida, a fé se torna uma força destrutiva.

A fé em Deus é indicada pelas professoras como um fator de proteção, que lhes fortalece diante das adversidades, por conseguinte contribui para que se tornem resilientes. Afirmam, ainda, que a fé em Deus diminui os fatores de risco e evita que se desestabilizem, portanto podem ter uma vida mais saudável. Vide depoimentos:

Eu tenho uma força que vem de Deus. Ele me ama, me protege, me levanta, sempre que penso em desanimar. Só sabe o valor da fé, aquele que viu todas as suas forças e posses não valerem de nada diante da impotência humana. Minha fé em Deus me fortalece sempre. (P2)

Fé no todo Poderoso, sem fé ninguém vai adiante, eu frequento um grupo de apoio religioso, nesse grupo nós nos ajudamos mutuamente, buscamos força em Deus e no outro. (P8)

A fé nas pessoas, outra coisa é a minha crença no Deus que eu acredito, que é um Deus que não anda julgando, é um Deus que salva, eu acredito neste Deus que salva. (P15)

Segundo Larrosa (2011), a literatura referente à resiliência com enfoque na religiosidade e na espiritualidade não é exaustiva. No entanto, para Vanistendael

(2004), o sentido da vida, que é considerado como uma pilar de resiliência, pode estar associado à vida espiritual e à fé religiosa.

Com esse entendimento, Walsh (2005, p. 159) afirma: “[...] a religião e a espiritualidade podem ser recursos terapêuticos poderosos para a recuperação, cura e resiliência”. Além disso, algumas pessoas imprimem à fé uma dimensão de confiança, o que também interfere no processo de resiliência. Conforme Bartolomei (2008, p. 54): “Nos momentos de tormenta, abatimento, fracassos, é preciso confiar em alguma coisa, que esteja além dos limites do determinado, do objetivo”.

As professoras citam, também, outras dimensões de fé não relacionadas à religiosidade, tais como: *fé na capacidade dos alunos e fé nas possibilidades de mudança*. Tais dimensões estão vinculadas à esperança, segundo Fromm (1969, p. 31): “A fé, como a esperança, não é a previsão do futuro; é a visão do presente em estado de gravidez”.

A fé e a esperança direcionadas para o potencial de desenvolvimento do aluno e, também, para as probabilidades de mudanças nas estruturas da sociedade e da escola são fatores essenciais ao processo de ensino, na visão de Freire (1996). Esse autor considera que: “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (FREIRE 1996, p. 72).

A fé é tida pelas docentes como um elemento de proteção, fortalecimento, e mudança. Vide depoimentos:

Eu tenho fé que as coisas mudem. (P7)

Eu acho que a fé em Deus também me ajuda muito, sabe? Eu peço a Deus que ajude esses meninos a ter mais capacidade. [...] Porque, às vezes, os pais estão presos, ou a mãe já morreu; e eles moram com a avó, ou moram com uma tia, então, eles têm muitas dificuldades. (P13)

As professoras também fazem referência ao *bom humor e à alegria*, identificamos referências à felicidade e à satisfação no exercício do magistério, que são manifestações de resiliência na profissão.

Nas raízes históricas da humanidade e na constituição psicológica e social do ser humano, de acordo com Justo (2006), o humor e alegria são sentimentos comuns, porém interferem na constituição da subjetividade de cada indivíduo e, conseqüentemente, na coletividade.

Na literatura relativa ao tema, encontramos inúmeros registros, segundo os quais o bom humor e a alegria contribuem para a superação das adversidades, que são enfrentadas pelos indivíduos com mais naturalidade. De acordo com Arantes

(2006, p. 7): “Na escola, a alegria nos remete a ações de criatividade, flexibilidade, originalidade e imaginação”.

Esse autor afirma que o bom humor e alegria fazem parte da condição humana e, quando são potencializados, se transformam em instrumentos necessários à superação dos desafios éticos e sociais, que se interpõem à escola contemporânea. De acordo com Justo (2006), na sala de aula, instala-se um visível espírito de comunhão total, a partir do riso largo e coletivo, diante de uma piada ou gracejo irreverente. No ato de riso coletivo, ocorre o compartilhamento da alegria, como um sentimento de conagração entre todos. Com tal entendimento, Justo (2006, p. 123) afirma:

Retirar dos afazeres de ensino-aprendizagem aquela atmosfera carregada de tristeza, pesar e sofrimento. O tom de alegria e descontração do humor pode tornar mais prazerosa, e divertida a convivência com os pares na sala de aula e com tarefas relacionadas ao conhecimento.

As entrevistadas demonstram satisfação e alegria no desempenho de suas funções docentes e reconhecem que o bom humor é necessário ao bem-estar das pessoas. Portanto usam procedimentos didáticos que favoreçam a alegria na sala de aula, tais como: brincadeiras, cânticos e músicas. Vide depoimentos:

Sou alegre, tenho bom humor. Gosto de brincar com os alunos, mas não toda hora, mas gosto de brincar. (P1)

Eu sou muito festiva, então normalmente as pessoas dizem: menos festa esse ano. Porque eu gosto muito, eu organizo as festas. A escola tem que ter vida e alegria. Eu sou alegre! Escola é isso alegria. (P3)

Consideram que superaram as adversidades com mais naturalidade, porque são bem humoradas. Além disso, as professoras reconhecem que os alunos aprendem melhor, quando se sentem alegres, por isso lançam mão de estratégias, que trazem alegria para a sala de aula. Vide depoimentos:

Característica minha é ser alegre, minha alegria é sincera, eu tenho bom humor, isso me ajuda a encarar os problemas, as adversidades de outro jeito. Sorrir faz bem pra alma da gente, não é? (P8)

Eu sou muito alegre, normalmente eu gosto de alegria, eu gosto de música, eu gosto de ambiente musical, porque música relaxa, adoro música. (P15)

Para Rodriguez (2005), o bom humor é um indicador de resiliência, e ressalta que a falta de bom humor é considerada como um fator de risco para a saúde. O bom humor é um poderoso recurso simbólico, que possibilita a manutenção dos

laços sociais e funciona como um elemento de resistência à adversidade. Com tal perspectiva, Rodriguez (2005, p. 106) afirma:

[...] é mais do que um modo de dar uma cara boa ao mau tempo, é também um recurso criativo que permite encontrar respostas novas para situações que parecem não ter saída, e este elemento de novidade mostra a ligação entre resiliência e o senso de humor, permitindo traçar paralelos interessantes que revelam as razões desse vínculo.

Examinando ainda, a relação entre bom humor e resiliência, encontramos Miravalle e Ortega (2015, p. 23), que consideram o bom humor como “[...] uma contribuição-chave para o trabalho resiliente, uma reflexão argumentada por pesquisadores acadêmicos certifica o grande valor do humor nos processos educativos, laborais e resilientes”.

Entre as professoras entrevistadas, houve unanimidade em relação aos benefícios do bom humor e da alegria para o processo de ensino de aprendizagem. Enfatizaram, também, que tais sentimentos contribuem para o enfrentamento dos obstáculos do cotidiano escolar, portanto, são manifestações de resiliência.

Outra característica destacada foi a *boa convivência no ambiente de trabalho*, referente a essa característica congregamos posicionamentos relativos à interação social, humanização e solidariedade, que são considerados como elementos necessários à superação de obstáculos.

O homem é um ser sociável por natureza, portanto a capacidade de relacionamento com o outro é inerente ao indivíduo, pois a vida em sociedade impõe constantes interações sociais. Para Giddens (2004, p. 83), a interação social “[...] é o processo em que agimos e reagimos relativamente ao que nos rodeia. É a reciprocidade de ações sociais entre indivíduos, em contato social”. A interação social conduz o indivíduo à humanização, uma vez que exige de todos o desenvolvimento da capacidade de conviver com os semelhantes.

Ainda nessa ótica, Torres (1997, p. 45) afirma: “Vivendo em sociedade, por sua própria natureza, o homem está em permanente interação com seus semelhantes, estabelecendo relações sociais, adquirindo consciência grupal, criando cultura, humanizando-se”.

As professoras entrevistadas consideram que a boa convivência e o relacionamento saudável com seus pares fortalecem o exercício do magistério. Salientam, como positivas, determinadas posturas, tais como: disponibilidade de colaboração; percepção do outro; civilidade no ambiente de trabalho; solidariedade. Tais posturas

facilitam o enfrentamento dos problemas do cotidiano escolar e, também, fortalecem as manifestações de resiliência. Vide depoimentos:

Uma característica minha é essa, eu sou um ser humano, eu sou uma pessoa disponível para ajudar em qualquer momento, eu estou sempre preocupada com o que as pessoas sentem, e estou sempre preocupada em ver o lado bom das pessoas. Eu me relaciono bem com as pessoas, isso me ajuda a viver bem me mostrar satisfeita como professora. (P3)

É que eu gosto de me aproximar das pessoas de estar muito junto das pessoas, eu não acredito em educação com o professor distante, isolado. (P15)

Os sentimentos de solidariedade e de humanização, vistos pelas professoras em foco, como componentes de resiliência, estão em consonância com a afirmativa de Henderson e Milstein (2010, p. 28), segundo a qual existem alguns “[...] fatores protetores internos e características individuais facilitam a resiliência: prestar serviços a outros, e/ou a uma causa; empregar estratégias de convivência; sociabilidade; capacidade de ser amigo; capacidade de estabelecer relações positivas”.

De acordo com as entrevistadas, as ações e atitudes, que estão fundamentadas nos princípios da humanização e solidariedade, propiciam melhoria para o cotidiano escolar e, também, intensificam as manifestações de resiliência.

As docentes destacaram ainda o *Amor pelo trabalho e pelas crianças*, com esta característica identificamos a abrangência da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem e suas implicações no processo de resiliência.

De acordo com Kelly (1988), o afeto tem uma amplitude considerável na vida do indivíduo, uma vez que influencia suas percepções, pensamentos interesses, atitudes e ações.

Freire (1996) faz referências à afetividade, usando o termo amorosidade, que considera como um dos saberes necessários à docência, porém não é antagônica à formação científica e política dos professores. A afetividade expressa o modo como o professor assume, autenticamente, o seu compromisso com o aluno, tendo em vista a transformação da realidade. O envolvimento afetivo, que compõe o perfil do professor, precisa ser direcionado para a formação humana do alunado e para a busca de uma sociedade igualitária. Tal direcionamento evitará as atitudes abnegadas, mas sem profissionalismo. Ainda em Freire (1996, p. 159), temos:

Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque sou professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-

-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente saber meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso destacar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. A Afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

Em consonância com os postulados freireanos e com o fio condutor das entrevistas, identificamos uma professora, que expressa, claramente, seu envolvimento afetivo com o processo educativo da instituição escolar. Vide depoimento:

É amor pelo que faço. Gostar do que faz é tudo, depois é a minha autoconfiança como já lhe falei, eu confio no que faço, eu sei a intencionalidade das minhas ações, sei o porquê do que faço. É meu amor pelas crianças. (P8)

No conjunto das falas das professoras, constatamos que a afetividade dedicada aos alunos está fundamentada no compromisso com o processo de humanização do aluno, tendo em vista o desenvolvimento sociedade. A afetividade, que se traduz em compromisso com o trabalho docente, revigora as manifestações de resiliência do grupo pesquisado.

Ainda como característica de resiliência, as professoras indicam a *Criatividade*; reunimos conceitos teóricos e autodeclarações das entrevistadas, pertinentes ao ato criativo.

Esse termo é abrangente, uma vez que pode ser usado em várias acepções, tais como: criar, inventar coisas novas e modificar as formas de agir. Carmello (2008, p. 84) afirma que criatividade significa: “[...] transformar e/ou construir ideias, objetos e ações em algo diferente e inovador, buscando novos padrões de solução e crescimento”. Esse autor ressalta que a criatividade é uma característica marcante de pessoas resilientes.

Para Martinez (1997, p. 142), “[...] as potencialidades criativas do sujeito vão se formando e desenvolvendo desde os primórdios da vida, em virtude de um complexo conjunto de influências e interações que estabelece com elas”.

Todo ser humano é criativo, mas em níveis diferentes, desde o mais elementar até o nível máximo, por exemplo, artistas e cientistas inventores. A criatividade é uma qualidade desenvolvida por pessoas curiosas, que buscam inspiração em informações e têm sensibilidade de percebê-las. Fleith (2010, p. 58) conceitua criatividade como:

[...] um processo sistêmico que recebe influência nas interações dos pensamentos dos indivíduos com os diversos ambientes como: familiar escolar, e, ainda social e cultural, além do momento histórico em que ele está inserido.

Isso significa que um indivíduo em um ambiente receptivo a novas ideias terá mais chances de expressão e produção criativa.

No tocante à criatividade, as professoras explicitaram que são pessoas criativas, pois trazem novidades para a sala. Por exemplo, a professora identificada com o código (P13) afirma: *“Eu sou criativa, gosto de criar coisas novas, trazer novidades para a sala, as crianças ficam alegres”*. No entanto, apesar dessa declaração, não esclareceu como o processo criativo ocorre.

Outras professoras, que se consideram criativas, também não citaram exemplos de atividades voltadas para o desenvolvimento da criatividade dos alunos em sala de aula. Afirmam: *“Eu sou criativa”* (P4). *“Uma outra coisa é minha criatividade”* (P10).

De acordo com Oliveira e Alencar (2008), trata-se de um fenômeno complexo e pouco explorado, sobretudo no ambiente educacional. No entanto a contemporaneidade requer professores criativos, que formem alunos criativos.

Martinez (1997) considera que a escola precisa repensar seus objetivos e métodos para se tornar um espaço, que estimule a criatividade dos alunos. Para desenvolver a criatividade dos alunos, segundo Fleith (2001, p. 57), cabe ao professor promover: [...] *“um clima em sala de aula em que a experiência de aprendizagem seja prazerosa”*.

Entre as falas das professoras entrevistadas, houve um destaque para um aspecto diferenciado do ato criativo: participação do grupo. Vide depoimento:

Eu sou criativa. Eu gosto de criar, mas eu gosto de criar em grupo, eu acho que criar com o grupo é bem melhor porque o retorno é maior. (P 3)

É necessário que professor elabore trabalhos originais, que incentive a participação do alunado e, sobretudo, desenvolva a habilidade de pensar. As participantes desta pesquisa, que se declararam criativas, se percebem, também, como resilientes.

Como última característica detectamos a Esperança, referente a esse traço agrupamos elementos relativos à superação de estigmas, respeito a si e ao outro, mudanças positivas.

A esperança é uma fonte propulsora, que leva o indivíduo a agir e, assim, alcançar seus objetivos. A esperança “[...] faz parte da natureza humana” diz Freire (1996, p. 72). E, de acordo com Kateb (2011, p. 34): *“dos pilares importantes para superar as adversidades, nos quais se pode encontrar proteção, um deles é a esperança”*.

Fromm (1969, p. 25) considera a esperança como “[...] um elemento decisivo, em qualquer tentativa para ocasionar mudança social na direção de maior vivência,

consciência e razão”. Uma professora entrevistada revela que assume atitudes, com tal perspectiva. Vide depoimento:

Eu também tenho muita esperança no que faço. Tenho esperança de mudança. A gente tem que ter esperança de um mundo melhor, de coisas melhores, de coisas boas que estão por acontecer, sem esperança o professor não faz nada. (P13)

Para Freire (1983, p. 29): “A esperança não é um ato passivo. [...] eu espero na medida em que começo a busca, pois não seria possível buscar sem esperança”. Esse autor afirma, ainda, que a esperança está aliada à prática, pois é um imperativo existencial, mas é insuficiente, pois sozinha não ganha a luta e, sem ela, a luta se enfraquece.

Galimberti (1992, p. 448) considera que esperança significa: “[...] confiança no futuro, mesmo depois de insucessos ou tentativas vãs, que do ponto de vista psicológico funciona como defesa contra consequências patológicas das frustrações”.

Na fala de uma professora entrevistada, encontramos o sentido de ter esperança, que está explicitado pelos teóricos, aqui, citados. Vide depoimento:

Eu sou como águia, que se tivesse que me definir, que eu sou como águia, que eu tenho um olhar longe, porque a águia está lá em cima e visualiza a presa lá em baixo, e eu acho que eu tenho muito disso, que eu sou como águia no sentido de que eu estou vendo lá adiante, que o meu aluno tá aqui, mas eu estou vendo ele lá na frente, o que ele pode me dar. Ele está me dando bastante trabalho, me consumindo, mas eu estou sempre investindo nele e isso é uma das características de que eu tenho, estou investindo neles mesmo. Muita esperança, eu tenho esperança demais, acredito nele e tenho muito amor por ele e muita preocupação. (P14)

As professoras em foco consideram *ter esperança*, como uma característica de resiliência, e destacaram os seguintes aspectos: melhoria de vida dos alunos, possibilidades de aprendizagem e superação de estigmas. Vide depoimentos:

Ter esperança acima de tudo. Ter fé que ele vá melhorar a vida dele quando ele aprender aquilo, que ele não vai ser mais, por exemplo, aquele menino rotulado que não sabia nada, aquele menino que na escola não servia pra nada, aquele menino que ninguém dá valor, mas, que ele não aprenda a respeitar-se, e respeitar ao outro, E ter esperança que a educação muda, muda a vida, muda tudo. Eu sou esperançosa. (P5)

Esperança mesmo de que eles consigam aprender, de que o ensino melhore. (P6)

Gostar das crianças. Ter esperanças nas mudanças delas (P10)

Conforme Larrosa (2011, p. 25), a resiliência impulsiona o ser humano a se situar, conscientemente, em uma perspectiva de esperança. As professoras entrevistadas afirmaram que têm a *esperança*, como um princípio orientador de suas práticas educativas. Ou seja, assumem a esperança como uma perspectiva de ação, o que as torna resilientes.

As características que reconhecem em si, discutidas, neste texto, revelam que as professoras enfrentam as agruras da docência e, sobretudo, superam as adversidades do contexto escolar. Consideramos que tais atributos são indícios de resiliência no campo profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seus posicionamentos, o grupo investigado demonstrou persistência. As docentes sempre utilizavam estratégias diversificadas para ajudar os estudantes a superarem os limites e, com frequência, reafirmavam a crença em suas capacidades. Reforçavam que quem aprende a persistir é capaz de vencer os desafios, lidar de forma construtiva com as falhas e atingir os objetivos. Reiteram que ser persistente é algo que contribui para sua segurança e capacidade de transformar seu próprio ambiente cultural.

Segundo os depoimentos, a manutenção do bom humor em todas as situações, inclusive as mais adversas, favorece seu envolvimento e clima solidário entre pares, funcionários da escola e estudantes. Notadamente no âmbito da sala de aula, as docentes revelaram habilidades relacionadas ao cuidado com a dimensão emocional e social dos alunos, que foram manifestadas no envolvimento, dedicação e preocupação para com cada um deles.

Constatamos que, em geral, as profissionais investigadas exercem a docência em turmas consideradas de difícil trato e, mesmo com esses grupos, logram êxito e são reconhecidas nas escolas pelos pares, equipe gestora e demais funcionários. O compromisso e a responsabilidade com a docência e, sobretudo, com a aprendizagem dos alunos foram ressaltados como características muito peculiares a cada uma.

Assim podemos dizer que uma prática docente marcada pela diversificação das atividades, crença no potencial do aluno e relações interpessoais positivas, que deixam transparecer sentimentos de aceitação e pertencimento das crianças ao grupo classe, gera a satisfação e o bem-estar dessas professoras.

Em face dos resultados, podemos afirmar que, em meio a um contexto de transformações e exigências, o qual gera no professor sentimentos como insegurança,

medo, ansiedade e estresse, no desenvolvimento prática pedagógica, identificamos professoras na escola pública com características resilientes. Essas profissionais têm conseguido se manter íntegras e superar as adversidades que enfrentam na escola e sala de aula. Elas demonstram superar limites, enfrentar desafios, romper preconceitos e sobressair-se aos infortúnios. Esses indícios expressam sua resiliência. Frente ao exposto, é possível afirmar que professoras com características resilientes interferem de maneira positiva no contexto escolar.

Reconhecemos que a resiliência na educação é um processo no qual o professor expressa sua capacidade de superar os desafios da docência e se reestruturar; assim como construir estratégias para o desenvolvimento de uma prática pedagógica humanizadora, no espaço da escola pública.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. *Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Fascículo 13.

ARANTES, V. A. (Org.). *Humor e alegria na educação*. São Paulo: Summus, 2006.

BARTOLOMEI, M. *A fé como fator de resiliência no tratamento do câncer: uma análise do que pensam os profissionais da saúde sobre o papel da espiritualidade na recuperação dos pacientes*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2008.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRANDÃO, J. M. ; MAHFOUD, M.; GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*, Ribeirão Preto, SP, v. 21, n. 49, p. 263-71, maio/ago. 2011.

CARMELLO, E. *Resiliência: a transformação como ferramenta para construir empresas de valor*. São Paulo: Gente, 2008.

CARVALHO, F. T. et al. Fatores de proteção relacionados à promoção de resiliência em pessoas que vivem com HIV/AIDS. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2023-33, set. 2007.

CODO, W. Trabalho e afetividade. In: _____ (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FLEITH, D. S. Criatividade: novos conceitos e idéias, aplicabilidade à educação. *Cadernos de Educação Especial*, Santa Maria, RS, n. 17, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- _____. *Educação e mudança*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FROMM, E. *A revolução da esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- GALIMBERTI, U. *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. 4. ed. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- GROTBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. e cols. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HENDERSON, N.; MILSTEIN M. M. *Resiliencia en la escuela*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- JOB, F. P. P. *Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações*. 2003. Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas (FGV), São Paulo, 2003.
- JUSTO, J. S. Humor, educação e pós modernidade. In: ARANTES, Valeria Amorim (Org.). *Humor e alegria na educação*. São Paulo: Summus, 2006.
- KATEB, E. *Cómo vencer la adversidad: resiliência a força vital para continuar tu camino*. Barcelona: S.A de Litografia, 2011.
- KELLY, W. A. *Psicologia da aprendizagem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1988.
- LARROSA, S. M. R. *As contribuições da espiritualidade e da pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos*. 2011. Tese (Doutorado em Teologia)- Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, 2011.
- MARTINEZ, M. A. *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- MELILLO, A. Resiliência e educação. In: MELILLO, A.; OJEDA, A. N. S. e cols. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MIRAVALLÉS, A. F.; ORTEGA, J. G. *A resiliência em ambientes educativos: sentido, propostas e experiências*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- O’DEA, T. F. *Sociologia da religião*. São Paulo: Pioneira, 1979.
- OJEDA, E. N. S. Introducción. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N.; RODRIGUES, D. *Resiliência y subjetividade: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- OLIVEIRA, Z. M. F. de; ALENCAR, E. M. L. S. A criatividade faz a diferença na escola: o professor e o ambiente criativos. *Contrapontos*, Itajaí, SC, v. 8, n. 2, p. 295-306, maio/ago. 2008.
- PIOVAN, R. *Resiliência: como superar pressões e adversidades no trabalho*. São Paulo: Reino Editorial, 2012.
- REZENDE, E. V. S. Resiliência na prática pedagógica: um estudo com professoras de escolas públicas no Recife. 2016. 257p. Tese (Doutorado em Educação)- Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2016.
- RODRIGUEZ, D. H. O humor como indicativo de resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, A. N. S. e cols. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA JR, J. F. *Resistência dos materiais*. 5. ed. Belo Horizonte: Edições Engenharia e Arquitetura, 1982.

TAVARES, J. *Resiliência e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TILLICH, P. *Dinâmica e fé*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1996.

TORRES, M. B. L. D. *O homem e a sociedade: uma introdução à sociologia*. 6. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1997.

VANISTENDAEL, S. *Le bonheur est toujours possible*. Construire la resilience. Paris: Bayard Editions, 2004.

WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca, 2005.

YUNES, M. A.; SZYMANSKY, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES J. (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

Sobre as autoras:

Enivalda Vieira dos Santos Rezende: Doutora em Educação pela UFPE. Técnica em Educação Secretária Municipal de Educação do Recife-PE. Professora da Rede Estadual de Pernambuco. **E-mail:** enivaldarezende@hotmail.com

Laeda Bezerra Machado: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Associado I do Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. **E-mail:** laeda01@gmail.com

Recebido em dezembro de 2016

Aprovado para publicação em setembro de 2017